



II COLÓQUIO OSMAN LINS

ENCONTROS

PERCURSOS E

REVELAÇÕES

CADERNO DE RESUMOS

04 a 06 de outubro de 2010

FFLCH - USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof^o. Dr^o. João Grandino Rodas

VICE-REITOR: Prof^o. Dr^o. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETORA: Prof^a. Dr^a. Sandra Margarida Nitrini

VICE-DIRETOR: Prof^o. Dr^o. Modesto Florenzano

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

CHEFE: Prof^o. Dr^o. Marcus Vinicius Mazzari

USP



FFLCH

D'TLLT

ieB

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof^a. Dr^a. Sandra Margarida Nitrini - FFLCH-USP

Prof^a. Dr^a. Elizabeth Hazin - UnB

Eder Rodrigues Pereira - FFLCH-USP

Elisabete Marin Ribas - FFLCH/IEB-USP

Rosângela Felício dos Santos - FFLCH-USP

Maria Teresa Dias - FFLCH-USP

Darcy Attanasio Taboada Ramos - FFLCH-USP

Joel Yamaji - ECA-USP

Adriana de Fátima Barbosa Araújo - UnB

Forma literária e processo social em *O fiel e a pedra*, de Osman Lins

Derivada da pesquisa sobre narrativa e história que está em andamento no Grupo de Estudos Osmanianos da UnB, esta comunicação explora a contradição entre individualismo e coletivismo presente no romance. Dialética construída na camada técnico-composicional, na qual o uso do discurso indireto livre desfigura o narrador como único responsável pela matéria narrada. Pretende-se demonstrar pela análise que há uma passagem, algo instável, do foco narrativo externo e unívoco para um interno e plural. Esse deslizamento percute a intriga uma vez que ela encena, grosso modo, o confronto entre a atuação autoritária e violenta dos proprietários e o comportamento de recusa (Bernardo) ou conformismo (Gumercindo, Teles) dos trabalhadores. No detalhe, discutiremos ainda o caráter de ambiguidade e inconstância presente no desenho das personagens, o que afasta qualquer traço maniqueísta na obra.

Álvaro Manuel Machado

Catedrático de Literatura Comparada na Universidade Nova de Lisboa

Osman Lins: modelos literários europeus e imaginário brasileiro

George Steiner, consagrado teórico da literatura frequentemente próximo da investigação comparatista, diz em *Presenças reais* que em arte toda a criação é um “acto crítico” no sentido de “uma exposição reflectida e um juízo de valor da herança e do contexto a que pertencem”. Partindo desta ideia, analisa-se a função específica em Literatura Comparada dos modelos literários estrangeiros, em particular os europeus, na obra de ficção de Osman Lins, distinguindo-se os modelos “produtores” dos modelos “referenciais” e estabelecendo-se a sua relação com um imaginário brasileiro e mais genericamente latino-americano que os transfigura criticamente, recriando-os. A comunicação desenvolve-se a partir dos seguintes tópicos :

1. Da herança regionalista nordestina ao experimentalismo pós-moderno: o texto e o seu sentido.
2. Mitologia da cidade e cosmogonia em *Avalonara*, de Osman Lins e *Ulisses*, de James Joyce.
3. O sentido auto-crítico da auto-reflexividade em *A rainha dos cárceres da Grécia*.

Cacio José Ferreira - UnB

Os flocos de barriguda dançavam no vento: leitura simbólica dos elementos vegetais em *O fiel e a pedra*

Partindo da ideia de que o mundo natural possui muitas conotações nos estudos literários, este trabalho propõe uma análise dos elementos do universo vegetal do romance *O fiel e a pedra*, de Osman Lins. O referencial teórico utilizado será, especialmente, o dos estudos simbólicos, tendo por objetivo captar o modo como as metáforas vegetais auxiliam na construção do romance.

Cristiano Moreira - UFSC

Vestígios de um rosto barroco - *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins

Várias foram as referências ligando a escritura de Osman Lins à Idade Média. Cabe, no entanto, pensar que os textos da segunda fase do autor dão uma volta no parafuso e apresentam outra face desta escritura na medida em que as narrativas são dispostas em planos anacrônicos. Dizendo de outra maneira, trata-se de uma escritura sem centro como escreve Guy Debord. Se aceitamos este descentramento, podemos ler em *A rainha dos cárceres da Grécia* uma faceta barroca da literatura brasileira. De acordo com arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, trata-se de uma faceta que apresenta uma complicada reflexão sobre a perda da experiência. Podemos atestar pelos vestígios encontrados ao longo do livro que a maneira pela qual Osman Lins lê a História se aproxima à concepção de Walter Benjamin, principalmente a dos conceitos sobre História, sobre o passado como produto de articulação com o tempo presente, com a memória produzindo uma narrativa que se constrói como um imenso retábulo.

Darcy Attanasio Taboada Ramos - FFLCH - USP

A circularidade em *Marinheiro de primeira viagem*, de Osman Lins

Marinheiro de primeira viagem é o livro que resultou da experiência de seis meses na Europa do escritor pernambucano Osman Lins, quando, em fins de janeiro de 1961, premiado com uma bolsa de estudos pela Alliance Française, partiu para a França em busca de um acesso, direto e presencial, à grande tradição cultural europeia. A obra vem a público cerca de dois anos após o autor ter realizado essa viagem e traz uma importante contribuição

para o gênero literatura de viagem. Trata-se de “um livro extraordinariamente civilizado”, que suscita repetidas leituras e surpreende o leitor a cada nova investida. O objetivo deste trabalho é pôr em evidência a circularidade formal de Marinheiro de primeira viagem. A atonicidade dos relatos é só aparente, e o processo de coesão efetua-se por rupturas e retomadas entre as narrativas.

Eder Rodrigues Pereira - FFLCH - USP

Mallarmé, Proust e Joyce: A estrutura de *Avalovara* em uma perspectiva genética

Pensando na possibilidade de que o ato de escrever é antecedido por uma leitura e por uma pesquisa este trabalho apresenta algumas hipóteses de como Osman Lins compôs a base estrutural do romance *Avalovara* a partir da assimilação e da transfiguração de três matrizes explícitas nos documentos do processo criador. Para visualizar parte deste trajeto da criação apresentamos um diálogo existente em algumas notas de planejamento do romance e na marginália contida em sua biblioteca depositada no Fundo Osman Lins do IEB e da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Elisabete Marin Ribas - FFLCH/IEB - USP

O curso de História da Arte do professor de Literatura Brasileira, Osman Lins

Como professor de Literatura Brasileira e coerente com sua postura como escritor, Osman Lins reafirmará a importância do conhecimento da arte visual para a compreensão da Literatura, ao ministrar um curso extracurricular sobre História da Arte para seus estudantes do Curso de Letras, em Marília. Tais aulas apresentam a seguinte temática: Aula de pintura 1, Grécia clássica e helenismo, Arte Bizâncio-românica, Pintura Românica, Gótico e Renascimento Italiano. Nesta breve comunicação serão apresentadas as aulas, com apoio teórico sobre a relação entre Literatura e outras artes e com o apoio da História da Arte, tendo o intuito de se localizarem conceitos sobre arte, em geral, que, segundo o próprio escritor, ajudam a pensar a Literatura.

Elizabeth de Andrade Lima Hazin - UnB

Alegoria do romance, alegoria da viagem: incursões

Este trabalho propõe uma aproximação do romance *Avalovara* ao subgênero literatura de viagem, não exatamente no sentido da subentendida conexão íntima entre a viagem e a literatura, mas, sobretudo, no sentido de que o romance aqui se constrói como representação imaginária da busca de uma Cidade, de uma Ilha, de um Nome e, como tal, traz em si – ainda que na clave

do alegórico – as marcas distintivas da especificidade aludida: um olhar posto sobre a natureza, a relação tempo-espço, o privilegiamento da descrição sobre a narração. “Uma viagem está no texto, íntegra: partida, percurso, chegada”, palavras do ensaio de Abel que não apenas intensificam os motivos que empurram a pesquisadora, mas também apontam A viagem e o rio como contraponto perfeito, na medida em que aos poucos desvela – através de seu paralelismo com o texto romanesco – as brumas que encobrem o caminho por ela trilhado.

Ermelinda Maria Araújo Ferreira - UFPE

Regionalismo às escuras e sem sotaque: A contribuição osmaniana para a redefinição do gênero

Um dos aspectos mais interessantes da poética osmaniana é a abordagem do espaço literário dito regional em seus romances. *O fiel e a pedra*, considerado um divisor de águas na sua produção, oferece um exemplo de como o autor, preocupado com a categoria espacial a ponto de transformá-la no tema de sua tese de doutorado, cria um texto “regionalista” excluindo as marcas tradicionais do gênero. A mudança do registro diurno, comum aos romances nordestinos que falam da seca e das dificuldades do homem do campo, para o registro noturno é uma delas. Ao valorizar a penumbra e as sombras, ele praticamente neutraliza o cenário, que se torna invisível no escuro. Poder-se-ia esperar que a identificação regionalista se fizesse então pela oralidade – recurso genialmente utilizado por Guimarães Rosa, o desbravador do sertão lingüístico brasileiro. No entanto, Osman Lins também vai apagando as marcas regionais do discurso. Surpreendentemente, porém, o autor volta com toda força ao tema do cangaço em seu último projeto, o romance *Cabeça levada em triunfo*, que ficou inacabado. O que faria ele com a cabeça de Lampião àquela altura de sua vida?

Fábio Borges da Silva - UnB

Duas pedras, dois caminhos: natureza e paisagem em “O recado do morro” e *O fiel e a pedra*.

Publicados, respectivamente, em 1956 e 1960, “O recado do morro” – *Corpo de Baile* (de Guimarães Rosa) – e *O fiel e a pedra* (de Osman Lins) apresentam modos distintos de representação da natureza. No primeiro, a narrativa vem ambientada no sertão sãofranciscano de Minas Gerais, enquanto no segundo, no interior de Pernambuco. No primeiro, a natureza é personagem e, muitas vezes, meio pelo qual o escritor fala no interior da narrativa; no segundo, trama, nar-

rativa e natureza decorrem segundo os movimentos do cosmos. Esse trabalho pretende realizar um exercício comparativo entre os dois textos, na tentativa de aprofundar o conhecimento sobre o modo como a natureza vem aí representada.

Francismar Ramirez Barreto - UnB

“Sinto-me fugir de dentro de mim mesmo e pergunto sem resposta: ‘Quem sou?’”

Delirar, sair da lira, é o que faz progressivamente o professor de Ciências Naturais que protagoniza *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976). Com a escusa de falar sobre a amada recém-falecida, o professor (em princípio responsável pela narrativa) se vê submerso em “brancos” que o conduzem a incorporar mais a idéia de personagem do que propriamente a de narrador. Ciente de ser a instância narrativa um dos maiores problemas com que o leitor se defronta neste romance de Osman Lins (além de um dos grandes problemas da ciência literária), tentará o trabalho a seguir compor um perfil da voz enunciadora. Como se produz a passagem da normatividade ao delírio? Qual o propósito do autor (Lins) ao colocar o narrador em dúvida sobre sua própria natureza?

Leny da Silva Gomes - UNIRIT'TER

Avalovara e o romance de formação

Se considerarmos algumas características do romance de formação, em que o protagonista deve ter consciência de seu processo de desenvolvimento e realizá-lo por via de sua experiência no mundo, veremos que *Avalovara* se aproxima desse paradigma, renovando-o. O objetivo da análise que propomos é demonstrar como as inovadoras estratégias compositivas de Osman Lins imprimem ao romance uma visibilidade das condições histórico-sociais, cuja representação é fundamental nesse tipo de romance.

Ludmilla Alves Carneiro de Lima - UnB

Fragmentos, Lacunas, Revelações: O processo de busca em *Avalovara* e a alegoria de Walter Benjamin

“O romance [...] pinta aventuras maravilhosas, quase sempre ligadas pelo processo da busca [...]”. *As palavras* de Paul Zumthor, presentes entre as epígrafes de *Avalovara*, de Osman Lins, antecipam um traço marcante do livro que se inicia: o processo da busca. Este romance é perpassado pelo mo-

vimento de procura por objetos múltiplos: um evento, uma mulher, um texto, uma Cidade. Em comum, tais objetos têm o caráter fragmentado. Configuram-se como motores da busca a partir de indícios reais, imaginados ou até mesmo desconhecidos. Nesse sentido, este trabalho aproxima o referido processo (bem como seus objetos e as experiências daquele que procura) do conceito de alegoria de Walter Benjamin. Se, para Benjamin, a alegoria pertence à ordem do incompleto, do fragmentário, e precisa ser continuamente desvendada, então aqui se propõe que a multiplicidade de manifestações do ato de buscar que irrompe das páginas de *Avalovara* seja tomada como característica de um processo que é, também, alegórico, em sua parcela de desvendamento, de busca de sentido daquilo que se apresenta como fragmentado e inconcluso.

Maria Aracy Bonfim - UFMA

País das Maravilhas em espiral: *Avalovara* e contrastes através do espelho

Como parte de estudos desenvolvidos junto ao grupo “Estudos Osmanianos: arquivo, obra, campo literário”, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Elizabeth de Andrade Lima Hazin (Universidade de Brasília), esta pesquisa deve sondar incursões nas duas obras de Lewis Carroll – *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho* - e o que Alice encontrou por lá, procurando contrapor a certos reflexos simbólicos da obra *Avalovara*, de Osman Lins a fim de visualizar contrastes e reconhecer detalhes significativos que delinham a escrita por meio de cifras que engendram, suscitam, velam e revelam.

Maria Luiza Guarnieri Atik - MACKENZIE

Do hipotexto ao hipertexto: *Lisbela e o prisioneiro*, de Osman Lins

Na esteira dos conceitos de “dialogismo” de Bakhtin e de “intertextualidade” de Kristeva, Gérard Genette em *Palimpsestes* (1982) propõe o termo “transtextualidade” para referir-se de forma mais abrangente a tout ce qui le met en relation, manifeste ou secrète, avec d’ autres textes, estabelecendo cinco categorias distintas. Quanto à categoria hipertextualidade, Genette destaca que se trata da relação que une um texto B, denominado por ele de hipertexto, a um anterior A, ou seja, o hipotexto. A partir do conceito de hipertextualidade proposto por G. Genette, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre a questão da arte da adaptação, ou seja, a releitura da peça teatral *Lisbela e o Prisioneiro* (1963), de Osman Lins pelo filme homônimo (2003) de Guel Arraes, enfocando os níveis estruturais das narrativas dramática e fílmica.

Maria Teresa Dias - FFLCH e Joel Yamaji - ECA

A transposição de *A rainha dos cárceres da Grécia* para cinema

A comunicação será apresentada, em conjunto, por mim e Joel Yamaji. Partimos de uma síntese do processo de transposição de *A rainha dos cárceres da Grécia* para cinema, em andamento, descrevendo etapas iniciais do processo e apresentando possíveis soluções para a adaptação. O trabalho iniciou-se pelo esboço da estrutura, buscando uma linha fiel ao projeto formal da obra osmaniana; em seguida, avançou para a discussão das primeiras cenas, no esforço de levar para a tela os elementos principais do texto, assim como o conjunto de motivos de significação presentes nele. Temas amplos como a exclusão social feita por meio do labirinto burocrático, ou discussões sobre o romance como gênero e a crítica literária do período combinam-se de modo talentoso com pormenores significativos tais como a quiromancia, o rádio, o diário, a memória e o poder de transformação (ou metamorfose) do leitor pela literatura, apresentando-se como grande desafio à adaptação.

Marisa Balthasar Soares - Uni-Sant'Anna

Co(r)tejos: passagens pela modernidade

Na fortuna crítica de Osman Lins, já se disse que *Avalovara* (1973) merece ser lido como produção em que os processos de pesquisas e conquistas dos escritores modernistas brasileiros ganham matizes de mais maturidade. Esta complexa e instigante narrativa romanesca, porém, é igualmente resultante do movimento inquieto com que o autor foi se colocando na tradição do narrar. Assim, como também já se pontuou na crítica, diversos aspectos poéticos desse texto, e o que implicam em possibilidades de sentidos e significações, estão imbricados às narrativas de *Nove Novena* (1969). A leitura de três cenas poéticas, em que a imagem do cortejo é nuclear, busca refletir mais sobre essas articulações, bem como colocar em cotejo visões sobre o projeto avesso de modernidade experienciado pela sociedade brasileira, na primeira metade do XX, e reverberantes nesses textos: o poema marioandradiano, que tem justamente cortejo por título e faz parte de *Paulícea Desvairada* (1922); o cortejo feito à personagem central de Retábulo de Santa Joana Carolina, a narrativa mais intensa da coletânea de 1969; e, finalmente, o cortejo feito à Natividade, personagem

que, embora secundária, ganha no trato poético relevância que projeta solidariamente sua história na dos protagonistas Abel e a mulher feita de palavras.

Martha Costa Guterres Paz - UNIRITTER

A sonata de Scarlatti no relógio de Julius Heckethorn e sua relação com a estrutura de *Avalovara*

São marcantes as relações entre a estrutura do romance *Avalovara* e a concepção construtiva do relógio do personagem Julius Heckethorn. A fragmentação da sonata de Scarlatti em treze trechos agrupados em um sistema sonoro de três conjuntos revela a preocupação de Osman Lins em incorporar aspectos musicais na narrativa literária, atribuindo especial relevância a estes tópicos musicais tanto no que se refere a interconexão do caráter da narrativa com o caráter da música, como no que concerne às relações numéricas envolvidas. Este trabalho procura mostrar estas relações cuidadosamente elaboradas ao longo do romance. Uma análise das questões numéricas evidencia o zelo com que Osman Lins planejou sua obra tendo como referência definições matemáticas consagradas entre os gregos, os quais atribuíram a determinados números significados especiais. As considerações de Matila Ghyka sobre as elaborações matemáticas de Pitágoras e seus discípulos foram de fundamental importância para a ordenação do romance de modo a torná-lo um ente coeso e harmônico.

Renata Azevedo Requião - UFPel-RS

“O que se passa com A Rainha?”

Este trabalho parte de uma pergunta ampla (na obra de Osman Lins, cuja inserção na curta tradição literária brasileira se fez/se faz a duras penas, para onde tende o livro *A rainha dos cárceres da Grécia?*) e destaca apenas alguns aspectos desse romance, lendo-o numa certa tradição narrativa capaz de re-montar, a palavra se justifica, a *D. Quixote*, de Cervantes, e ao Diderot de Jacques, le fataliste: romances dobrados sobre o próprio fazer, mas, e entretanto, se fazendo dos dois momentos, o da representação e o da apresentação. O conceito de “cena” é útil para pensarmos a narratividade e sua suposta suspensão; a “marcação do tempo”, explicitada em efemérides diárias, mais ou menos subseqüentes, corroendo o tempo absoluto em que a obra de arte literária, o livro, se apresentaria em bloco coeso e sem processo, força-nos, leitores, a pararmos; os diferentes “lugares” de onde a narração se enuncia antecipam modos contemporâneos, quando o valor absoluto do “nome próprio” da autoria decai.

Renata Rocha Ribeiro - UEG

A rainha dos cárceres da Grécia: entre a leitura e a escrita

A representação diegética dos atos de ler e de escrever, por meio de personagens que se vêem em situação de leitura e/ou de escrita, é uma constante na obra narrativa de Osman Lins, desde o seu primeiro romance, *O visitante*, de 1955. Nesse sentido, propomos observar como tal representação acontece no último romance publicado de Lins, *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976). Nele há, ao lado da escrita do diário-ensaio do professor de ciências naturais e da escrita do romance de Julia Marquezim Enone, a exaltação da paixão pela leitura romanesca. Partindo desse ponto, nosso objetivo é verificar em que níveis a paixão pela leitura e pela escrita se revela tanto no professor quanto em Julia. Ambos cultivam escritos íntimos; o professor faz escrita e leitura críticas, bem como leituras literárias, e Julia lê e escreve literatura. Leitura e escrita são, assim, componentes imprescindíveis que movem e demovem as personagens de Lins em suas trajetórias, e o romance em questão propõe uma espécie de fusão desses dois elementos.

Sandra Margarida Nitrini - FFLCH - USP

Com a palavra, Osman Lins e Hermilo Borba Filho.

Osman Lins cultivava também com dedicação a epistolografia, gênero híbrido, fronteiro entre a vida e a arte literária. Legou-nos um acervo imenso que merece ser estudado e publicado. A partir de um recorte da correspondência entre Osman Lins e Hermilo Borba Filho, em livro inédito, “E viva a vida!”, organizado por Julieta de Godoy Ladeira, serão desentranhadas suas visões sobre literatura, em meio às trocas de notícias sobre suas criações em curso, seus projetos, suas lutas com os editores, suas revoltas e posicionamentos contra a ditadura militar e suas vidas pessoais.

Rosângela Felício dos Santos - FFLCH - USP

Osman Lins e o Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo

Esta comunicação tem por objetivo apresentar ao público interessado na obra de Osman Lins informações acerca do conjunto de suas publicações no Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo, no qual o escritor pernambuco

bucano manteve uma coluna intitulada “Crônica do Recife”, de 1956 a 1961. Os textos que aí publicou tratam da vida artística e cultural da cidade pernambucana, sem deixar de apresentar uma aguda visão do então jovem escritor acerca de algumas das problemáticas sociais de sua época, servindo, assim, para caracterizar o contexto literário e cultural da cidade, além de propiciar ao pesquisador interessado uma fonte de reflexões do escritor pernambucano, as quais contribuem para uma melhor compreensão de sua obra ficcional.

Esses textos compõem o corpus de estudo da pesquisadora, no trabalho de mestrado que vem realizando junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP.

Roselene de Fátima Cosntantino - UnB

O feminino na obra *O fiel e a pedra*, de Osman Lins

Este artigo analisará o universo osmaniano tendo como ponto de partida o feminino na obra *O fiel e a pedra*. A narrativa feminina a partir da ótica masculina também será analisada, uma vez que a linguagem de Osman Lins é “profundamente feminina, por ser ora plástica, ora decorativa, ora ornamental ou silenciosa” ou todas elas numa só personagem. O texto pretende desvelar as personagens femininas, como Teresa e sua fidelidade ao esposo que, com seu caráter quase “quixotesco”, trava uma batalha entre o bem e o mal em pleno interior do nordeste brasileiro.

Sebastiana Lima Ribeiro - UnB

A mão e o mundo: resumo do cosmos

A ideia para o presente trabalho surgiu a partir das discussões do Grupo de Leitura GATACO, que integra o Grupo de Estudos Osmanianos: Arquivo, Obra, Campo Literário, coordenado pela professora Elizabeth Hazin, acerca do romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins. Tomando como base o estudo de E. R. Curtius acerca das metáforas de partes do corpo humano em *Literatura Européia e Idade Média Latina*, bem como as associações que o professor de história natural, narrador e ensaísta, faz sobre o livro de Julia Marquezim Enone, em sua associação entre a mão, o homem e o cosmos, proponho um paralelo entre o tal metaforismo e a atribulada vida da personagem Maria de França que, por sua vez, luta - sem conseguir - o benefício da aposentadoria pelo INPS, incapacidade da personagem que vem no romance imgeticamente representada pelo esfacelamento da mão.

Thomaz Antonio Santos Abreu - UnB

Sentidos e significados da personagem

É impactante a especificidade sónica da personagem O de Osman Lins, em seu *Avalovara*, signo tal impronunciável, cujo significante e significado não são dados de antemão, mas podem ser construídos ao longo das narrativas que a obra apresenta. A partir de um olhar para O , considerado tanto em si mesmo quanto em sua aparição na voz de Abel, pode-se realizar uma problematização quanto aos significados e os sentidos dele O , os quais ensejam uma encruzilhada hermenêutica, na medida em que essa personagem possa ser entendida como um signo que seja: 1) semiotizado (Lotman); 2) aberto (Eco); 3) um signo-força, de diferença (Derrida); e 4) expresso/acontecimento (Deleuze). Entendemos que todas essas perspectivas teóricas podem ajudar a burilar, cada uma com suas especificidades, possibilidades para a interpretação do sentido e/ou significado de O , de modo que essa personagem se mostre, assim, aberta.

Zênia de Faria - UFG

O “diário” na produção literária de Osman Lins

Um sobrevôo pela obra literária de Osman Lins permite constatar uma certa predileção desse autor pela forma do diário. De fato, além dos diários de viagem, *Marinheiro de primeira viagem* e *La Paz existe?*, é bem conhecida a importância do diário, como base de sustentação da narrativa de *A rainha dos cárceres da Grécia*. Em *O visitante*, também, o autor introduz um diário. Diante dessa constatação, em nossa comunicação, nos propomos a examinar as diferentes ocorrências de diário na produção literária de Osman Lins, tentando verificar se, apesar de recorrer à forma do diário, em várias obras, o autor se mantém fiel à sua afirmação de que “a literatura não admite repetição”.

ANOTAÇÕES

coloquiosmanlins@gmail.com

<http://www.osman.lins.nom.br/home.htm>